

Outra gafe de Krugman

Rio — Depois de ter criado polêmica com o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, o economista americano Paul Krugman se volta novamente para o Brasil. Ao comentar a principal reportagem da revista britânica *The Economist* desta semana que trata de deflação — a queda generalizada de preços —, Krugman confunde o Brasil com a Argentina. No meio da análise divulgada em sua página na Internet, ele destaca que a taxa de câmbio brasileira é fixa. Só que, desde 15 de janeiro, o dólar flutua livremente no país.

No artigo dividido em quatro partes, o americano diz que países com taxa de câmbio fixa, como Hong Kong e Brasil, não podem imprimir dinheiro livremente para combater a deflação, ao contrário de Estados Unidos, Japão ou na área em que vigora o euro, a moeda única européia. Na primeira parte do texto, Krugman fala da visão generalizada de que o fenômeno da deflação é consequência de um excesso de capacidade produtiva, ou seja, os preços caem porque há grande quantidade de bens disponíveis no mercado.

Em seguida, discorre sobre uma tese cada vez mais difundida: a de que a deflação só interessa porque está relacionada à liquidez (dinheiro disponível no mercado). A terceira parte relaciona a pressão deflacionária a um excesso de poupança. Finalmente, considera as implicações políticas da ameaça deflacionária e alerta para o fato de que a deflação não se parece com a depressão da década de 30.

Em seu texto, o economista fala das dificuldades de se combater a deflação. “Ao longo do ano passado, os custos de produção caíram no mundo desenvolvido. Os preços ao consumidor vêm caindo nos últimos seis meses na França e na Argentina. Até a recente crise, os preços estavam baixando no Brasil, e continuam a cair na China e em Hong Kong. E provavelmente cairão logo em outros países em desenvolvimento”, afirma Krugman.

Na semana passada, em outro artigo na revista eletrônica *Slate*, o economista insinuou que Armínio Fraga teria passado informações privilegiadas ao seu ex-patrão, o megainvestidor George Soros. Com isso, os fundos de Soros teriam ganho muito dinheiro ao comprar títulos da dívida externa brasileira no dia em que os papéis atingiram uma cotação muito baixa, porque o mercado desconfiava que o governo teria de recorrer à moratória. Segundo Krugman, Soros só teria comprado os papéis porque tinha a informação de que o governo não daria o calote. Dias depois, o economista pediu desculpas a Fraga.